

DA ARQUEOLOGIA DO SIGNO LINGUÍSTICO AO “ESTUDO DA LEITURA LITERÁRIA SUBJETIVA”: O SUJEITO NO ENTRE-LUGAR LINGUÍSTICO-LITERÁRIO

Eider Ferreira Santos¹

Resumo: O presente trabalho objetiva travar uma reflexão epistêmica a respeito das contribuições da descoberta do signo linguístico e de suas ressonâncias na problematização do projeto de tese intitulado “Estudo da leitura literária subjetiva através de plataformas digitais: um olhar a partir de práticas de leitura com estudantes da educação básica”, e, nesse ínterim, com a noção de “Leitura Subjetiva”, estabelecendo as devidas relações com o pensamento crítico-cultural no que concerne às superações das dicotomias Língua e literatura e da retomada dos signos linguístico-literários enquanto repletos de subjetividade e, portanto, indissociáveis de contextos históricos. Para tal, recorre-se as discussões empreendidas por Beveniste (1976), Barthes (1977), Derrida (2014), Deleuze (1995), Fiorin (2013), Lévi-Strauss (2008; 2013), Moreira (Ano).

Palavras-Chave: Arqueologia do signo. Leitura subjetiva. Signo Linguístico Literário.

INTRODUÇÃO

A descoberta do signo linguístico por Saussure talvez ainda seja compreendida como um elemento fechado em si mesmo ou discussão superada, mas ele é um clássico que ainda tem muito a dizer, como bem nos lembra Fiorin *et al.* (2013, p. 9) ao questionar “por que ler Saussure ainda hoje?”. Essa pergunta nos impele a compreender as repercussões dos estudos do “pai da

¹ Doutorando em Crítica Cultural. Linha 2: Letramento, Identidades e Formação de Educadores. Orientadora: Profa. Dra. Maria de Fátima Berenice da Cruz. Endereço eletrônico: eiderferreira@hotmail.com.

linguística moderna” e pode significar, igualmente, novas descobertas no campo dos estudos da linguagem.

É, pois, partindo dessa perspectiva que a proposta ora apresentada pretende perseguir a importância da descoberta do signo linguístico por Saussure e suas ressonâncias nos estudos linguístico-literários. No particular, a referida proposta quer entender as contribuições da descoberta do signo linguístico e de suas ressonâncias na problematização do projeto de tese intitulado “Estudo da leitura literária subjetiva através de plataformas digitais: um olhar a partir de práticas de leitura com estudantes da educação básica” o qual está ancorado na linha 2, Letramento, identidades e formação de Educadores, do programa de Pós-graduação em Crítica cultural.

Mediante o exposto não se pretende aqui apenas atender uma demanda do componente “Seminários Avançados I”, mas, busca-se, para alcançar a proposta principal, compreender o signo linguístico enquanto repleto de subjetividade, recobrando o lugar do sujeito no centro deste e, por consequência, elemento que o atravessa, superando qualquer possível dicotomia entre língua e literatura. A questão principal que se apresenta, então, é: quais as contribuições da descoberta do signo linguístico e de suas ressonâncias para a leitura literária subjetiva?

Na busca de responder a essa inquietação, a proposta aqui empreendida, de natureza bibliográfica, ancora-se no pensamento crítico-cultural no que concerne às superações das dicotomias Língua e literatura e da retomada dos signos linguístico-literários enquanto repletos de subjetividade e, portanto, indissociáveis de contextos históricos e sociais e, nessa perspectiva, se baseia nas discussões de Beveniste (1976), Barthes (1977), Derrida (2014), Deleuze (1995), Fiorin (2013), Lévi-Strauss (2008; 2013), Moreira (Ano), bem como nos estudos da teoria da recepção ancorados

numa perspectiva subjetiva em Cruz (2013), Rouxel (2012), Langed (2013), Rezende (2015).

Cabe situar que a discussão aqui empreendida está disposta em duas partes, além da introdução. Em *O sujeito no centro do signo linguístico-literário*, parte 1, faz-se um investimento revisativo nos estudos saussurianos a fim de compreender como a partir da descoberta do signo linguístico encontra-se a superação das dicotomias língua/literatura e descoberta de uma humanidade nesse processo. Em *Leitura literária subjetiva: o lugar do leitor no signo linguístico-literário*, parte 2, situa-se como a descoberta do sujeito no signo linguístico-literário é de importância para uma proposta investigativa que pretende propor uma leitura literária subjetiva como caminho para uma outra escolarização do texto literário.

O SUJEITO NO CENTRO DO SIGNO LINGUÍSTICO-LITERÁRIO

Os estudos das contribuições de Saussure, para além de uma mera retomada, ou compreensão mais aprofundada a respeito do conceito de língua e suas relações sincrônicas ou diacrônicas, quer aqui reivindicar o lugar do sujeito nesse processo e, por isso, quer superar a ideia cristalizada de que a língua seria um sistema fechado em si mesmo. Talvez porque no Curso de Linguística Geral afirmações como a que a “Linguística tem por único e verdadeiro objetivo a língua considerada em si mesma e por si mesma” (FIORIN *et al.*, 2013, p. 7) tenha contribuído para uma compreensão reduzida do signo linguístico.

Todavia, estudos mais recentes têm apresentado novas proposições a respeito do discurso fundador, o curso de Linguística Geral, no sentido de demonstrar que Saussure não nega que a língua pode servir de meio “para um conhecimento cujo principal objeto reside fora dela” (FIORIN *et al.*, 2013, p. 8):

Ao estabelecer o princípio da arbitrariedade do signo, o que o mestre genebrino faz é desvelar que os signos são produtos dos seres humanos e, portanto, não são naturais, mas culturais. A ordem da língua não é um reflexo da ordem do mundo, mas uma construção das comunidades humanas. A língua está entre os fatos humanos e por isso a Linguística está classificada entre as ciências sociais (FIORIN *et al.*, 2013, p. 9).

Ao reconhecer que os signos são produtos dos seres humanos, Saussure, inevitavelmente, evidencia, conforme Fiorin (2013), que os mesmos signos não são meramente biológicos, mas de ordem social e, por isso cultural. A mesma tese é sustentada por Márcio Alexandre Cruz (2013), ao defender uma revisão das contribuições saussurianas no que tange as relações entre Saussure e a História da Linguística de “que Saussure não exclui dos estudos linguísticos a história, tampouco o sujeito e o sentido” (2013, p. 33), mas, ao contrário, se coloca como sujeito que reage a uma tradição que excluía tais elementos, a tradição naturalista.

Na perspectiva de Cruz (2013) Saussure supera qualquer dicotomia entre língua e história, conforme constatado em afirmações atribuídas ao mestre genebrino no Curso de Linguística Geral:

A cada instante a linguagem implica ao mesmo tempo um sistema estabelecido e uma evolução [...]. Parece, à primeira vista, muito fácil distinguir entre esse sistema e sua história, entre aquilo que ele é e aquilo que ele foi; na realidade, a relação que une essas duas coisas é tão estreita que é difícil separá-las (SAUSSURE, 1972: 24 *apud* CRUZ, 2013, p. 35).

Sistema linguístico e história estão intrinsecamente relacionados e, partindo desse princípio, compreende-se a historicidade em tudo que o compõe e o constitui, inclusive a ação humana sobre essa mesma historicidade. Partindo dessa perspectiva, a ação do homem sobre a historicidade da língua é

reconhecida pelo pai da linguística moderna, conforme apresenta Altman (2013) ao afirmar

No curso II, que se iniciou no inverno de 1908/1909, a conhecida visão dualista de Saussure na reflexão sobre a linguagem assumiu contornos mais nítidos. Aprende-se que há uma língua individual, a linguagem, que é uma potencialidade, uma faculdade do indivíduo, e a língua social, a *langue*, que é definida como “um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social para permitir o uso da faculdade de linguagem pelos indivíduos”, distinta, por sua vez, da *parole*, que é o “ato do indivíduo que realiza a faculdade de linguagem por meio de convenção social que é a *langue*” (ALTMAN, 2013, p. 24).

O que se observa é que sendo a língua um fenômeno social que permite a faculdade da linguagem pelo homem, ou seja, a capacidade de comunicar-se, o estudo científico das línguas tem por matéria, dentre outras, “toda espécie de modificação da linguagem humana; [...]; ela vai lidar tanto com as formas populares [...] quanto com as formas da língua cultivada ou literária. A linguística se ocupa, pois, da língua em todas as épocas e em todas as manifestações em que se reveste” (ALTMAN, 2013, p. 29). É, pois o reconhecimento da linguagem literária enquanto produto da ação humana pela maquinaria da língua e, por conseguinte, repletos de subjetividade. Língua e literatura são faces de uma mesma moeda e, ambas, carregadas de subjetividade.

Em “O projeto Semiológico”, Fiorin (2013), ao discutir a respeito do lugar que a Semiologia ocupa no pensamento de Ferdinand de Saussure, afirma que um dos primeiros gestos do pai da Linguística, ao definir o objeto teórico da Linguística, foi reconhecer que “a linguagem é a capacidade que os homens têm de comunicar-se com seus semelhantes por meio de signos (SAUSSURE, 1969: 18)” (FIORIN, 2013, p. 99). Partindo dessa compreensão, observa-se que “a língua é um fato social, porque o

signo é arbitrário, o que quer dizer que seus valores residem no uso e consenso geral de uma comunidade” (FIORIN, 2013, p. 10).

Lévi-strauss (2008) nos possibilita uma melhor compreensão a respeito dessa relação entre língua, cultura e humanidade, apoiando-se na descoberta do signo linguístico por Saussure, porém não mais como um elemento fechado em si mesmo e sim indissociável dos contextos históricos e sociais. Os signos linguísticos estão repletos de subjetividade, de historicidade e, portanto de humanidade. Língua e cultura caminham juntas e entre elas há um hóspede fundamental *o espírito humano*.

A descoberta do Espírito humano como elemento fundamental da cultura e da língua nos impele a superar não apenas qualquer pensamento totalitarista que possa existir a respeito do signo linguístico, como nos ajudam a superar quaisquer dicotomia língua-literatura, na medida que o texto literário é a língua em ação e sob a ação do homem. Há uma humanidade que a produz, há uma humanidade que a consome e, em ambos os casos, a humanidade atravessa os sentidos e produz sentidos para a língua-texto-literatura.

Não há mais tempo para distinguir língua e literatura. Não há mais tempo para exorcizar o leitor do signo linguístico/literário. O espírito humano em toda sua historicidade, complexidade e subjetividades precisam e devem fazer parte das construções de sentido do texto literário de modo que, reconhecendo o linguístico-literário como elemento antropológico, nos permitamos entender, construir e reconstruir nossa humanidade perdida no contato com a potência que é a leitura literária.

Na esteira de Lévi-strauss (2008), ao recorrermos a Benveniste (1976) compreendemos que a grande reviravolta nos estudos saussurianos é justamente a descoberta da língua

enquanto um fator semiológico que penetra nas ciências do homem e torna-se capaz de tomar consciência de sua própria semiótica e, por consequência, que “Não é a língua que se dilui na sociedade, é a sociedade que começa a reconhecer-se como “língua” (BENVENISTE, 1976, p. 47). É justamente essa a reivindicação que fazemos, que o estudante enquanto leitor reconheça-se na língua feita literatura, trazendo toda sua historicidade para o reconhecimento de si e de sua própria construção no confronto com o signo linguístico-literário.

Partindo dessa reivindicação feita, a literatura é essa instituição capaz de redesenhar a vida e a existência e, por isso, a literatura está para a demanda do outro, como bem nos lembra Derrida (2014). A literatura “não tem natureza e função em si mesma” (DERRIDA, 2014), pois ela extrapola os limites de qualquer instituição; ela diz tudo e toda instituição define o que pode ou não ser dito, o que só é possível em razão tanto de uma escritura pensante, quanto de uma leitura pensante e, por isso é plenamente democrática porque diz tudo. Toda essa compreensão de Derrida (2014) é de importância para a percepção de que os sentidos do texto literário não estão fixos nele, mas dependem e dão importância ao sujeito leitor, o qual é capaz de pensar e mobilizar sentidos em conformidade com sua existência individual e coletiva.

Os sentidos não sendo fixados abrem caminho para uma perspectiva rizomática no processo de leitura do texto literário e mais que isso, estimulam a fuga de uma lógica de leitura arborescente em que os sentidos são fixados a partir da vontade do professor ou da historiografia literária. Aqui não há uma defesa de que a historiografia não seja importante porque o é, mas a defesa de que ela não é o único caminho e nem deve ser imposta ao estudante-leitor em formação, pois o mais importante, a princípio, é ensinar a pensar e pensar a si.

Esse exercício do pensamento pode e deve ser feito a partir da descoberta do signo linguístico-literário que realizem práxis e enunciações libertárias e emancipatórias ancorados num trabalho científico-transgressor, conforme bem defende Santos em “Platô de Crítica Cultural”. Para além disso, os jogos de poder manifestos na língua em seu funcionamento passam a ser reconhecidos pelos sujeitos leitores, os quais aprendem que “esse objeto em que se inscreve o poder, desde toda eternidade humana, é: a linguagem — ou, para ser mais preciso, sua expressão obrigatória: a língua” (BARTHES, 1977, p. 6).

Por essa perspectiva o poder que se expressa na língua só pode ser trapaceado por meio da própria língua em funcionamento, a Literatura: “Essa trapaça salutar, essa esquiva, esse logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem, eu a chamo, quanto a mim: *literatura*” (BARTHES, 1977, p. 8). O signo literatura deve ser pensado de modo a promover no sujeito leitor a reflexão de si mesmo, de sua cultura, de seu modo de estar na cultura, instaurando-se no jogo de poder existente e que se manifesta na língua, no discurso, na cultura.

Sendo pois o texto literário percebido como signo aberto para a humanidade do leitor, o próprio leitor é lugar de manifestação dos sentidos do texto; “o leitor é o espaço exacto em que se inscrevem, sem que nenhuma se perca, todas as citações de que uma escrita é feita” (BARTHES, 1967, p. 5). Todavia, para que essa humanidade do leitor seja valorizada é preciso morrer o autor, conforme Barthes já afirmava nos anos 70. É esse leitor que precisamos trazer à cena e do qual aborda-se a seguir.

LEITURA LITERÁRIA SUBJETIVA: O LUGAR DO LEITOR NO SIGNO LINGUÍSTICO-LITERÁRIO

Sendo a literatura a própria realidade e fator antropológico, conforme Barthes (1967), reivindicamos, igualmente, um leitor real, aquele que traz para decifração do signo linguístico-literário os sentidos de sua existência, situado em suas condições sócio-históricas. Essa percepção da importância do sujeito na relação língua, literatura e cultura, já observada na esteira das investigações saussurianas, nos impele a necessidade de reconhecer o lugar desse sujeito escolar enquanto protagonista da leitura literária. Existe um leitor entre o signo linguístico-literário.

Partindo dessa assertiva, tomamos como norte a Leitura literária subjetiva enquanto uma possibilidade efetiva e possível na conquista dos estudantes para um contato com o texto literário em que seja possível compreender a si na relação entre o texto e sua existência enquanto sujeito real. “A subjetividade dá sentido à leitura” (ROUXEL, 2013, p. 82) e, assim sendo, o leitor é peça de importância nessa engrenagem. Concordamos com Rouxel (2012, p. 278) de que “mais que um lugar de expressão do sujeito leitor, a leitura torna-se um lugar de existência”. Essa existência torna-se elemento fundamental na leitura do signo linguístico-literário e na construção de sentidos para a leitura que se realiza: “a leitura se torna uma experiência humana de forte envolvimento simbólico”. A língua é construção humana, a literatura é construção humana e a leitura não deve estar alheia a humanidade.

Essa humanidade leitora vem carregada das vivências, memórias coletivas, individuais, da vida privada, afinal “o texto vive de suas ressonâncias com as lembranças, as imagens mentais, as representações íntimas de si, dos outros, do mundo do leitor” (LANGLADE, 2013, p. 31). São essas imagens e representações

próprias do cotidiano e das experiências dos sujeitos escolares que entendemos como caminho para a aproximação destes com o universo da leitura literária, muitas vezes distantes de nossas salas de aula, significando a retirada de um direito fundamental da humanidade, o direito à Literatura, conforme sensivelmente nos lembra Cândido (2011).

Ao corroborarmos com Cândido (2011) de que a Literatura é um direito incompressível, tolhi sua presença em sala de aula e na formação intelectual e humana de nossos estudantes constitui atitude criminosa. Compreendemos, por consequência, que a fruição da arte literária, deve vir acompanhada de oportunidade dessa recepção e estar ancorada na valorização das singularidades e construções subjetivas, de modo que “a subjetividade e a intersubjetividade se tornam o centro da leitura literária” (REZENDE; OLIVEIRA, 2015, p. 283). Tal ação possibilita uma teia da cultura em seus aspectos mais diversos tendo como suporte o texto literário e suas ressonâncias no confronto com as singularidades da recepção no processo de leitura.

“O que interessa no momento atual é a singularidade da recepção e o processo de leitura e não mais a conformidade a uma norma ou a uma resposta esperada” (REZENDE; OLIVEIRA, 2015, p. 283) e, tal investimento, reverbera em promoção da autonomia do pensar pelo estudante-leitor que não é de modo algum orientado a abandonar o conhecimento consolidado pela historiografia literária, mas não precisa mais estar sob sua mordaca, pois “o que interessa no momento atual é a singularidade da recepção e o processo de leitura e não mais a conformidade a uma norma ou a uma resposta esperada” (REZENDE; OLIVEIRA, 2015, p. 283).

A leitura só ganha sentido para o leitor no momento em que encontra no texto um lugar de alteridade, de encontro consigo mesmo e possibilidade de pensar sua existência e quando,

como bem nos lembra Cruz (2012), ele “se percebe nela inscrito”, “quando ele percebe nela seu lugar de identificação”. Morre o autor como afirma Barthes, porém nasce o leitor carregado de um prazer individual e corpóreo da experiência de si mesmo com a leitura, isso porque a ideia de prazer em Barthes (1987) é um prazer corpóreo, um pulsar individual em sua relação com o texto.

É levando em consideração os aspectos observados que o projeto de Tese “Estudo da leitura literária subjetiva através de plataformas digitais: um olhar a partir de práticas de leitura com estudantes da educação básica” ganha relevância. Primeiramente, por buscar oxigenar o ensino de leitura literária na escola ainda reduzido ao estudo da historiografia literária e não a uma proposta de contato com o texto literário. Segundo, por colocar o estudante enquanto sujeito no jogo língua/literatura para, a partir destes pensar a si, suas histórias, trajetórias e modos de ver o mundo. Em terceiro lugar, importa situar que, num contexto de aulas remotas, essas investidas se tornam ainda mais necessárias e desafiadoras, tendo em vista o inesperado pedagógico vivenciado por nós professoras, professores e estudantes.

Analisar de que forma o ensino da literatura numa perspectiva subjetiva pode ser viável e eficaz na produção de conhecimento de estudantes num contexto de aulas remotas, constitui, então, o objetivo a ser alcançado. Todavia, é preciso, para tal, compreender como fazer emergir esse sujeito leitor no sujeito escolar num contexto de aulas remotas, bem como as construções subjetivas esse leitor faz de si a partir desse contato com o signo literário, para, por fim, teorizar a respeito das práticas de leitura literária subjetiva e suas repercussões na escolarização do texto literário em contexto de atividades remotas. Entretanto, todo esse investimento só é possível a partir de uma outra compreensão do signo linguístico-literário, que não é vazio de subjetividade, de humanidade, conforme defendido aqui.

Os impactos dessa proposta é uma outra escolarização do texto literário, a qual ainda está pautada em métodos e aplicação de teorias, já apontado por Cosson (2011), significando o fracasso da escolarização do texto literário. Ao contrário, a percepção de que “a leitura se torna uma experiência humana de forte envolvimento simbólico” (ROUXEL, 2012, p. 278) e que “o texto vive de suas ressonâncias com as lembranças, as imagens mentais, as representações íntimas de si, dos outros, do mundo do leitor” (LANGLADE, 2013, p. 31).

Portanto, uma vez superadas as dicotomias língua/literatura, bem como recobradas o lugar do sujeito e de sua humanidade no contato com esse mesmo signo linguístico-literário, o que foi possível já em Saussure com a descoberta do signo linguístico, as ressonâncias são outras epistemologias que reivindicam a humanidade perdida no campo da linguagem, as quais tornam possível uma opção investigativa que alinhe leitura e subjetividade. O desafio agora é compreender como fazer emergir esse sujeito, em sua complexidade, no contato com o texto literário.

REFERÊNCIAS

ALTMAN, Cristina. Sobre mitos e história: a revisão retrospectiva de Saussure nos três cursos de linguística geral. In: FIORIN, José Luiz *et al* (Org.). *Saussure: a invenção da linguística*. São Paulo: Editora Contexto, 2013. p. 21-32.

BARTHES, Roland. *Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França*, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977. São Paulo: Cultrix, 2007.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.

BARTHES, Roland. *A Morte do Autor*. Disponível em: <https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2013/10/barthes-a-morte-do-autor-2.pdf>. Acesso em: 9 nov. 2021.

BENVENISTE, Emile. Saussure após meio século. In: BENVENISTE, Emile. *Problemas de linguística geral*. Trad. Maria da Glória Novak e Luiza Neri. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1976, p. 34-49.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antônio. *Vário escritos*. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011, p. 69-91.

COSSON, Rildo. Literatura: modos de ler na escola. In: *O Cotidiano das letras. Anais da XI Semana de Letras*. Porto Alegre: EDIPUCRS. Disponível em: <http://editora.pucrs.br/anais/XISemanaDeLetras/pdf/rildocosson.pdf>. Acesso em: 8 out. 2019.

CRUZ, Maria de Fátima da. Leitura literária na escola: desafios e perspectivas de um leitor. Salvador: EDUNEB, 2012.

CRUZ, Marcos Alexandre. Uma contradição aparente em Saussure: o problema da relação língua-história. In: FIORIN, José Luiz et al (Org.) *Saussure: a invenção da linguística*. São Paulo: Editora Contexto, 2013, p. 33-44.

DERRIDA, Jacques. *Essa estranha instituição chamada literatura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.

FIORIN, José Luiz et al. (Org.). Por que ainda ler Saussure? FIORIN, José Luiz et al (Org.) In: *Saussure: a invenção da linguística*. São Paulo: Editora Contexto, 2013. p. 7-20.

FIORIN, José Luiz. O projeto semiológico. In: FIORIN, José Luiz et al (Org.). *Saussure: a invenção da linguística*. São Paulo: Editora Contexto, 2013, p. 99-111.

LANGLADE, Gérard. O sujeito leitor, autor da singularidade da obra. In: ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luzia (Org.). *Leitura subjetiva e ensino de literatura*. São Paulo: Alameda, 2013, p. 25-38.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Linguística e Antropologia. In: LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. V.1. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cosac e Naify, 2008, p. 79-92.

ROUXEL, Annie. Práticas de leitura: quais rumos para favorecer a expressão do sujeito leitor? In: *Cadernos de Pesquisa*. v.42 n.145 jan./abr. 2012, p. 272-283. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cp/v42n145/15.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2020.

ROUXEL, Annie. Autobiografia de leitor e identidade literária. In: ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide. *Leitura subjetiva e ensino de literatura*. São Paulo: Alameda, 2013. p. 67-87.

REZENDE, Neide. Um sujeito leitor para a literatura na escola. Entrevista com Annie Rouxel. In: *Revista Teias*. ProPEd: UERJ, p. 280-294. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24526/17506>. Acesso em: 27 set. 2021.

SANTOS, Osmar Moreira. Platô de crítica cultural na Bahia: por um roteiro de trabalho científico transgressor. In: *40 anos do GELNE* (livro de referência sobre programas de pós-graduação em Letras no Nordeste). [No prelo], p. 1-21.